

## Diversidades e estudos étnico-raciais (africanos e brasileiros)

### IMPACTOS DA DITADURA MILITAR 64 NO MOVIMENTO NEGRO

João Marcos Camargo Nalli

Resumo: Este seguinte artigo, tem a função de expor como a Ditadura Militar (1964 – 1985) articulou através de operações policiais e inquéritos impedir a união da população negra de constituir um movimento negro. Deve-se lembrar que estamos falando de impactos de um governo que não tolerava movimentos sociais ao considerá-los subversivos e portanto influenciadores de pessoas capazes de corromper o país. Então no decorrer do artigo será exposto quatro documentos do Arquivo Nacional (SIAN) que mostra como o SNI buscava destruir essas articulações sociais e políticas, através de prisões e inquéritos policiais. Depois no fim do artigo, será exposto o impacto dessas operações policiais e de vigilância perante duas pessoas que influenciaram o movimento negro e a sociedade brasileira: os intelectuais Abdias do Nascimento e Lélia González. São esses dois autores que apesar de viverem e pensarem de formas diferentes que, mesmo assim, criaram um arcabouço de ideias que influenciaram e influenciam as gerações futuras.

Palavras-chaves: Ditadura Militar; Movimento negro; Lélia Gonzalez; Abdias do Nascimento

Abstract: This following article has the function of exposing how the Military Dictatorship (1964 – 1985) articulated through police operations and investigations to prevent the union of the black population from forming a black movement. It must be remembered that we are talking about the impacts of a government that did not tolerate social movements, considering them subversive and therefore influencing people capable of corrupting the country. So, throughout the article, four documents from the National Archive (SIAN) will be exposed, which show how the SNI sought to destroy these social and political articulations, through arrests and police investigations. Then, at the end of the article, the impact of these police and surveillance operations will be exposed on two people who influenced the black movement and Brazilian society: the intellectuals Abdias do Nascimento and Lélia González. These two authors, despite living and thinking in different ways, still created a framework of ideas that influenced and continue to influence future generations.

Keywords: Military Dictatorship; Black Movement; Lélia Gonzalez; Abdias do Nascimento.

O presente artigo tem como objetivo analisar a abordagem do governo para com os movimentos sociais de identidade negra durante a época da Ditadura Militar de modo a buscar identificar a conjuntura e responder se é possível identificar uma dimensão racista à Ditadura.

## 1. Considerações metodológicas sobre o objeto de análise

Para isso foi necessário recorrer aos Arquivos do SNI (Serviço Nacional de Informações) contidos no SIAN (Sistema de Informações do Arquivo Nacional). Dentro desse sistema utilizou-se duas palavras-chaves: “pessoas negras” e “movimento negro”; de modo que foram encontrados 44 registros para “pessoas negras”, e 1705 para “movimento negro”.

Desse levantamento, foram selecionados quatro arquivos que tratam da questão das pessoas negras e dos movimentos negros durante o Regime Militar a partir de 1964. Os arquivos selecionados são principalmente de assuntos tratando sobre o Movimento Negro Unificado durante os anos de 1978-1979 durante o governo de Geisel.

## 2. Contextualização histórica

Antes de aprofundar mais sobre os documentos, é preciso traçar um breve histórico do que foi a Ditadura Militar de 1964 e o Movimento Negro nesse período.

Começamos com primeiramente um governo anterior a Ditadura de 64, com o governo breve de João Goulart, o qual “em janeiro de 1963, cerca de 9,5 milhões de um total de 12,3 milhões de votantes responderam ‘não’ ao parlamentarismo. Retornava assim o sistema presidencialista, com João Goulart na chefia do governo.” (FAUSTO; 2006; p.455). Portanto, o governo de João Goulart era legítimo, e seria marcado pela figura do presidente como chefe de governo; porém em 1964 tudo isso mudaria, uma vez que cresceu o descontentamento dentro da ala militar e de parcela política conservadora contra o então presidente. Como afirma Boris Fausto, “Nos meios militares, cresceu a conspiração contra Jango, fortalecida pelos partidários de uma ‘intervenção defensiva’ contra os excessos governamentais.” (FAUSTO; 2006; p. 458). Ou seja, no governo de João Goulart, havia uma tensão e uma necessidade de tomada de poder pelos militares. Isso fica mais evidente quando vemos que João Goulart não foi capaz de conter todas as crises e insatisfações contidas na sociedade brasileira e no meio político. “A tragédia dos últimos meses do governo de Goulart pode ser apreendida pelo fato de que a resolução dos conflitos pela via democrática foi sendo descartada como impossível ou desprezível por todos os atores políticos” (FAUSTO; 2006; p. 458).

A democracia estava à porta de uma revolta dos próprios atores políticos, sejam alas de direita ou esquerda, até mesmo do meio militar, sem contar com outras alas sociais importantes. “A direita ganhou os conservadores moderados para sua tese: só uma revolução purificaria a democracia, pondo fim à luta de classes, ao poder dos sindicatos e aos perigos do comunismo’ (FAUSTO; 2006; p. 458). Mas a dita Revolução militar ou da direita só serviria para acumular poder e manter aqueles que eles diziam puros para guiar o país; hoje sabe-se que esse tipo de manipulação serve apenas para aqueles considerados conservadores ou reacionários, já que não detêm nenhum objetivo de revolucionar a sociedade, apenas preservar o poder e o domínio.

Temendo aumentar a crise social e política de seu governo, João Goulart decidiu anunciar uma série de reformas que seriam tomadas em todo o país; porém já era tarde demais. Em 1 de abril de 1964 João Goulart tomou a medida mais necessária para evitar um desastre e derramamento de sangue, renunciando ao cargo de presidente e assim permitindo que os militares tomassem o poder (FAUSTO; 2006).

Desde o ocorrido dessa data, o governo militar foi marcado por perseguições, tortura, e também a cassação de direitos civis e políticas. O controle estava inteiramente nas mãos de um governo ditatorial; justificado para combater os subversivos e comunistas que poderiam contaminar o país com suas ideias e objetivos.

Logo após esse novo regime se estabelecer, em 9 de abril do mesmo ano foi lançado o primeiro Ato Institucional, também conhecido como AI-1, onde manterá organizações da democracia que acabará de derrubar, mas também estabelecerá novas modificações. No decorrer dos anos surgiram outros Atos Institucionais, cada um mais severo que o anterior, o mais severo foi o AI-5, que possibilitava o presidente a cassar direitos políticos e fechar o Congresso; sendo publicado no governo de Costa e Silva em 1968.

Em 1973 subiu ao poder Ernesto Geisel, representando um política longe dos considerados “linha-dura”, ou seja, Geisel era um ditador moderado, permitindo uma abertura gradual no seu governo, entretanto ainda sendo um ditador, permitiu várias perseguições a opositores e reprimiu movimentos sociais, como é o caso a ser apresentado pelos documentos nesse artigo.

Agora, para situar a questão dos indivíduos negros e sua luta, é preciso tomar consciência, no mínimo, a questão dos “libertos” após abolição da escravatura. É

necessário tomar essa análise de tempo maior pois desde aquela época as pessoas não brancas, indígenas ou quilombolas e principalmente pessoas negras, foram colocadas à margem da sociedade. Uma ação política voltada para os brancos que se vê resultados até os dias de hoje.

Considerando a extensão deste artigo, irá se focar nas organizações das populações negras durante o século XX. Naquele período, o negro está mais “integrado” à sociedade, mas longe ainda de uma existência sem desafios. A primeira organização que receberá o foco é a Frente Negra Brasileira (FNB): “Nascida na cidade de São Paulo em 1931, chegou a aglutinar milhares de negros- espalhados por mais de 60 delegações (‘filiais’) – em torno de um programa que anatematizava o ‘preconceito de cor’” (DOMINGUES; 2007; p. 102).

Porém, a atuação da FNB foi curta, pois com a ascensão do governo ditatorial do Estado Novo, o movimento foi então reprimido e extinto em 1937. Após a ditadura de Vargas, surgiu outro movimento: União dos Homens de Cor (UHC).

Na segunda metade de 1940, ela abriu sucursal ou teve representantes em dez Estados da Federação (Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná), estando presente em inúmeros municípios do interior. (SILVA, 2003 *In* DOMINGUES, 2007, p. 102-103).

Assim como a FNB, a UHC também teve uma breve ação, pois em 1964 a Ditadura Militar entra em ação e com isso toda oposição e movimentos sociais foram perseguidos e desmantelados pelo Estado ditatorial. Entretanto, na clandestinidade ainda havia movimentos e até ações contra o racismo e a repressão. É durante esse período que surge o Movimento Negro Unificado (MNU). Anteriormente esse movimento recebera o nome Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR). Esse movimento antes se dedicava a denúncia de todo tipo de racismo, até focar na questão negra; e por surgir em meio a Ditadura Militar foi logo perseguida e vigiada, mas sempre resistindo.

O MNU teve como líderes várias personalidades negras oriundas da Convergência. Assim, ele se mobilizou contra a ordem social autoritária em vigor e, simultaneamente, incitou a denúncia pública do problema relacionado ao racismo. Politicamente, o movimento negro contemporâneo se estruturou em uma relação de proximidade com os movimentos de esquerda (KOSSLING, 2008). Os militantes negros acreditavam que a luta antirracista deveria permanecer estreitamente associada à luta revolucionária socialista. Nessa concepção, eles supunham que o capitalismo se abastecia e se ampliava no racismo e, dessa forma, para superar o problema era preciso promover a queda do sistema e, em seguida, engendrar a construção de uma nova sociedade sem desigualdades (AGIER, 2002). (SILVA, 2019, p.50)

Era inevitável, que ao longo de sua história o movimento negro entraria em

conflito com o governo ditatorial de cunho militar de 64. Mas isso é apenas um sintoma de uma série de eventos que não só repercutiram até o Golpe de 64, como repercutem até os dias atuais. Reintegrasse a noção histórica aqui, mas não focado nos movimentos, mas sim sobre as extremas violências sofridas pelas populações negras quando foram colonizadas por povos europeus, e utilizo as lições de Frantz Fanon (2021) para isso. “Podemos dizer que existem certas constelações de instituições, vividas por homens determinados, no quadro de áreas geográficas precisas que num dado momento sofreram o assalto direto e brutal de esquemas culturais diferentes.” (FANON, 2021, p. 6)

Portanto nas próprias palavras de Fanon, surge um empreendimento “da desculturação apresenta-se como o negativo de um trabalho, mais gigantesco, de escravização econômica e mesmo biológica.” (FANON, 2021, p. 6). Ou seja, mais do que diferenciar o negro do branco, era na visão de mundo dos europeus que esse negro se tornasse um nada, isso quer dizer que o indivíduo negro não era nem humano ou animal, mas um ser incapaz de deter alma. Tendo isso em mente pode-se afirmar que o racismo, que com certeza já existia entre diferentes povos dentro da região europeia, se torna mais intenso, pois agora estaria envolvida a questão da pele e da alma. Afinal, como Fanon afirma, “O surgimento do racismo não é fundamentalmente determinante. O racismo não é um todo, mas o elemento mais visível, mais cotidiano, para dizermos tudo, em certos momentos, mais grosseiro de uma estrutura dada” (FANON, 2021, p. 6); qual seja, uma estrutura de segregação e de violência de um grupo (branco, colonizador) contra outro (negro, colonizado).

Mas no Brasil, esse racismo adquire um caráter diferenciador, sob a desculpa de ser um país miscigenado, ou seja, de união de raças distintas, nesse caso branco, indígena e negro; haveria portanto uma tipo de democracia racial, que não permitia o racismo, tamanha falácia, pois o racismo impermeou os vários setores da sociedade brasileira, principalmente seus pilares culturais.

Estudar as relações entre o racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural. Assim, há culturas com racismo e culturas sem racismo. (FANON, 2021, p. 7)

### 3. Documentos

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

O primeiro documento, denominado de 1029/79, se trata do Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial em Belo Horizonte. Preferencialmente não é um documento extenso, pois não busca relatar como foi o contexto que levou ao movimento a lutar contra a discriminação, e não relata ainda como foi esse encontro em Belo Horizonte. Entretanto há três nomes referenciados pelo documento: Mirian Santos Cardoso; Wilson Fernando Teixeira da Silva e Cléber Maciel.

Nos três nomes aparecem os nomes de seus pais, alguns dados como profissão, nascimento, identidade e residência. Mirian merece mais foco nesse documento, pois além desses dados básicos, apresenta uma lista de antecedentes, como se fosse uma criminosa.

Começamos por Mirian, ela detém a lista mais longa, e está associada a vários nomes, descrita quase que mentora ou auxiliadora desses outros nomes, na verdade Mirian apenas ajudou alguns colegas nos sindicatos e nos jornais a tomarem posicionamento político, o que na época da Ditadura era vista com maus olhos. Isso claramente mostra como o Regime Militar decidiu diminuir as pessoas onde qualquer um poderia ser um criminoso, ou pior subversivo.

Essa visão das pessoas fica mais explícito quando analisar o documento 1491/79 que é uma descrição detalhada de um dos membros mais influentes do movimento negro: Vera Mara Bragança Teixeira. Vera é descrita como organizadora de “Centros de Luta”, esse termo aparece em aspas e letras maiúsculas talvez para indicar a importância e talvez o perigo vistos pelos militares que documentaram sobre Vera.

Um dos documentos apresenta uma leitura inelegível, pois sua organização esta danificada por quem documentou, mas o breve paragrafo que está em boas condições afirma sobre um indivíduo chamado Neivaldo Bragato, dito como organizador do Movimento Pró Emancipação dos Negros em Vitória/ES, junto com Neivaldo estaria o Jornal Posição. Esse documento ganhou a denominação de 17285/78.

Por último, mas não menos importante está o documento 073/78 contando sobre o Movimento Negro Unificado em Salvador/BA. Esse documento também relata sobre uma assembleia que iria ser realizada com o deputado do MDB, partido oposição do ARENA e do governo, o deputado federal em questão era Marcelo Cordeiro.

A assembleia do movimento foi realizado em 4 de novembro, a partir das 14 horas; por ordens superiores, provavelmente dada por órgãos de segurança foi esvaziado, estavam presentes 70 pessoas, aparentemente ninguém foi preso, já que os militares presentes não queriam os holofotes das mídias no local. Mesmo assim algumas pessoas foram identificadas e registradas neste documento. E mesmo com a atuação dos militares, alguns jornais da época conseguiram veicular a manifestação mesmo que tenha sido esvaziada.

#### 4. Branquitude X Negritude

Apesar de ser um ambiente histórico cujo o uso da força era sempre presente, a Ditadura Militar ao mesmo tempo que reprimiu esses movimentos sociais, permitiu a criação de um terreno fértil para o questionamento da sociedade. Ou seja, por mais que a coerção seja evidente, ela também permitiu a indignação e a união de indivíduos que não concordavam com o regime.

Então surge no seio da Ditadura Militar esses movimentos, que tinham a intenção de questionar a sociedade e o governo vigente. O movimento negro ganha destaque principalmente ao analisar esses documentos, que não era apenas uma organização simplória, de se unir e depois debandar; sua união causava certo pânico ao governo, e foi tão significativo que vemos até hoje seus principais feitos e influências.

E nesse ato revolucionário de não unir uma classe social, mas unir pessoas cujo o combate é cultural, econômico, atemporal e acima de tudo por causa de uma característica física que é sua cor de pele, é a partir dessa união que surge novos termos e o alvo desse movimento, um movimento contra a Branquitude e o levante e caracterização da Negritude. “O racismo, vimo-lo, não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo”. (FANON, 2021, p. 9).

Como Fanon (2021) disse na citação acima, o Racismo europeu fez mais que destilar uma aversão do povo branco com o povo negro africano. Com o processo de escravidão e de eurocentrar uma vasta parte do mundo, através de suas expansões marítimas e colônias, fez com que povos como os que viviam na África perdessem sua identidade e cultura, portanto o que é um negro senão seu tom de pele, assim sendo a pessoa que os brancos viam como sendo apenas negro, não eram nada. Com o fim da escravidão veio a tentativa de elevar o eurocentrismo,

através de lançar no Brasil uma cultura que via o branco como superior e o negro como inferior, então o negro tinha que se tornar um branco para sobreviver. “Para isso, é preciso destruir os seus sistemas de referência. {...} O panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados.” (FANON, 2021, p. 10)

É levando em conta essa cultura da Branquitude que o movimento negro se levanta e começa a se questionar o termo negro e a vivência negra no país, então a palavra negro teria que sofrer uma ressignificação, o negro não era mais nada ou apenas um tom de pele, ele era acima de tudo um indivíduo que é descendente daqueles que foram trazidos a força da África para as colônias portuguesas, ou inglesas, ou espanholas, onde for.

Para explicar melhor esse conflito entre Branquitude e Negritude recorro aos pensamento da intelectual Melo (2023), ela descreve em um artigo as principais ideias e vivências de duas pessoas cuja a influência no movimento negro se acarretam até os tempos atuais: Abdias do Nascimento e Lélia Gonzales. Afinal como Melo (2023) descreve os dois:

Suas obras ressignificam o pensamento sobre as relações sociais e raciais no país no contexto pós-colonial. A percepção de que o racismo tinha um viés estrutural e histórico os uniu e fez com que as perspectivas adotadas por esses pensadores convergissem no sentido de interferir ou mesmo provocar mudanças nas políticas institucionais do Brasil. (MELO, 2023, p.130)

Entretanto, este artigo busca abordar as questões do movimento negro, se utilizara o artigo de Melo (2023) para apenas demonstrar como a influência desses dois intelectuais foram importantes para a formação das ideias e do próprio movimento. Primeiramente é importante também entender que a população negra no Brasil não constituem apenas uma cultura ou povo aparte do resto do país, eles fazem parte do povo brasileiro, e a cultura deles fazem parte de várias culturas que constituem o Brasil. “Discutir a formação histórica e cultural do povo brasileiro no contexto dos dias atuais é reforçar a necessidade de repensar as relações sociais perpetuadas pela escravidão e desigualdade.”(MELO, 2023, p. 131)

Portanto o Movimento Negro durante a Ditadura Militar ganha outro caráter, o de formado de indivíduo e de grupo, a pessoa com cultura e a cultura que constitui essas pessoas.

Nesse período, o Movimento Negro passou a ser organizado social e politicamente com pautas importantes referentes às relações raciais no país, principalmente, no que se refere ao mito da democracia

racial, criticada por ambos os autores, como também a percepção do racismo enquanto questão estrutural apontavam novas perspectivas para perceber as pessoas negras e a herança do colonialismo na formação do povo brasileiro. (MELO, 2023, p. 131)

Então comecemos com a descrição de uma intelectual citada por Melo (2023), Lélia González, cujo a principal crítica permitiu não apenas o repensar da questão negra, mas do corpo feminino negro. Pode-se dizer que sua principal ação foi permitir as mulheres negras seu próprio movimento feminista, não que tivesse desarticulado do movimento feminista original, mas naquela época tal movimento não representava as mulheres não brancas, Lélia permitiu as mulheres negras a lutarem por seu espaço.

Lélia González (1984) coloca o negro e a mulher negra em evidência, para a autora, estes se constroem enquanto sujeitos negros a partir de suas vivências, fazendo com que este sujeito seja protagonista dele mesmo. A partir do pensamento social da autora, aponta novas perspectivas para o feminismo negro e sua consolidação, além de criticar ferrenhamente a existência da democracia racial, pois não houve, para ela, relação do homem cortez entre os portugueses que tomaram as terras indígenas e os africanos que no Brasil chegaram. (MELO, 2023, p. 131)

Abdias do Nascimento já permite o pensar a questão negra como vítima de um esquecimento, um esquecimento forçado na verdade, já que o branco empurra perante o negro sua cultura e sua forma de ser como sendo superior, e portanto o negro acatando essa força, não luta de volta, pois foi doutrinado e ensinado a acreditar que sua vivência seria incorreta ou inferior a vivência branca.

Quanto às categorias pensadas pelo autor, mestiçagem e genocídio, estas são formas de apagamento da raça negra e da superioridade do povo branco, sendo mais uma vez considerado como o dominante numa sociedade capitalista, com resquícios escravagistas e opressora contra a pessoa negra. (MELO, 2023, p. 132)

Pode-se afirmar que ambos os autores apresentam ideias que demonstram que o racismo no Brasil ganhou outras perspectivas, ou seja, outras maneiras de se tornar influente, é o esquecimento da cultura e origem das pessoas negras, é colocá-las a margem da sociedade, são formas de não apenas de danificar o negro, mas engendrar nas estruturas da sociedade uma visão racista, por isso na atualidade o termo Racismo Estrutural tem ganhado tanto espaço.

A autora propõe um racismo especificamente do “modo à brasileira”; para ela, o racismo e a influência do negro na formação cultural e histórica do povo é encoberto pela superioridade eurocêntrica que apaga a contribuição de quem já estava no território brasileiro com a chegada dos portugueses. (MELO, 2023, p. 133)

Assim sendo, o racismo desde a época do colonialismo português apenas ganhou novos aspectos, novas formas de ser aplicado perante o povo negro e de

seus descendentes. Com o Movimento Negro, vem a luta de reconquistar essa identidade, essa cultura, essa forma de ser negro, e de combater o racismo que se espalha não apenas entre brancos, mas entre negros também.

Sobre o branqueamento, afirma que foi a forma de se perpetuar o pensamento eurocêntrico onde os valores e crenças dos brancos são hegemônicos e universais, para usar palavras da própria Lélia Gonzales. Seria uma ideologia para manter essa superioridade e “fragmentação da identidade racial”, ou seja, o “desejo de embranquecer” o povo negro. A resistência, para ela, viria da cultura e da consciência coletiva que é necessário reconhecer as práticas racistas para ter força de resgatar a identidade negra.

É através dessa luta, dessa união da população negra, que intelectuais como Lélia González e Abdias do Nascimento podiam formular suas críticas e compartilhar conhecimento, assim sendo permitiu o surgimento de um movimento decolonial das ideias, ou seja, ideias que não refletem apenas as sociedades ou conhecimentos europeus, portanto eles permitiram que a realidade brasileira florescesse.

Por pensamento decolonial, compreendemos que são formas de pensar e produzir o conhecimento que vão além da visão única eurocêntrica das epistemologias, buscando conhecimentos e ideias não colonizadas que empoderem novas formas de pensar não subalternizadas. (MELO, 2023, p. 136)

Mas, não pode ser esquecido, que apesar de todas as conquistas, e o levante dentro do seio da Ditadura Militar de 64, o Movimento Negro tem uma longa caminhada pela frente, pois os maiores genocídios no mundo foi contra as populações indígenas e negras, e lamentavelmente continuam até os dias atuais.

## 5. Conclusão.

Chega-se a conclusão que a Ditadura Militar, por mais que violenta e opressiva, também foi terreno fértil para o surgimento de novos movimentos sociais, e também novas ideias que tanto temiam surgir. O Movimento Negro em questão surgiu com tamanha importância durante esse tempo, sendo influente até os dias de hoje.

Neste mesmo movimento pessoas como Lélia González e Abdias do Nascimento podiam florescer, mesmo que sendo perseguidos e até mesmo expulsos do país, suas ideias foram de grande importância, não só para o movimento, mas também para toda sociologia.

## 6. Referencias Bibliográficas.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

DOMINGUES, PETRÔNIO .MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO: HISTÓRIA, TENDÊNCIA E DILEMAS CONTEMPORÂNEOS. **DIMENSÕES 103** . VOL. 21 - 2008

SILVA, TAUANA OLIVIA GOMES. **MULHERES NEGRAS NOS MOVIMENTOS DE ESQUERDA DURANTE A DITADURA NO BRASIL (1964-1985)**.RENNES, FRANÇA, 2019

FAUSTO, BORIS. **HISTÓRIA DO BRASIL**. EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. SÃO PAULO, 2006.

FANON, FRANTZ. **RACISMO E CULTURA**. EDITORA TERRAS SEM AMOS. BRASIL, 2021.

DE MELO, ÉRICA RENATA CHAVES ARAÚJO. A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO A PARTIR DO PENSAMENTO DE LÉLIA GONZÁLEZ E ABDIAS DO NASCIMENTO. **REV. SOCIOLOGIAS PLURAIS**, V. 9, N. 2, P. 130-148, JUL. 2023.